

# A terceira era da cidade

Ville âge III

Christian de Portzamparc

tradução Denio Munia Benfatti

Paris é uma lenda. Isso transparece em suas edificações, nos lugares mais simples, que se mostram, quando subitamente iluminados por uma outra luz, como se fosse a primeira vez: trechos de poesia concreta que nos falam do tempo e são o canto dos homens.

Podemos transformar as lendas? Devemos promover a evolução de Paris ou, acima de tudo, conservá-la?

A questão não deveria ser colocada. Tudo muda... No entanto ela está colocada, porque nos estamos ainda bestificados, sob o choque: a idéia de cidade oscilou muito no decorrer do século. Nos ainda não compreendemos bem esta evolução súbita e brutal do urbanismo moderno, que promoveu o esquarteramento da cidade e, como a guerra que o procedeu, continuará como o grande acontecimento do século. Em vinte anos, Paris - como a maior parte das cidades da Europa - espalhou-se e transformou-se mais que nos vinte séculos passados. Tudo aconteceu muito rapidamente e, em seguida, retornamos à calma, com um sentimento vago de que uma catástrofe havia ocorrido. Após o entusiasmo construtor e as grandes utopias, veio a inquietude, a prudência, a confusão. Uma incômoda dificuldade em nos situar no nosso tempo histórico nos impede de movimentar.

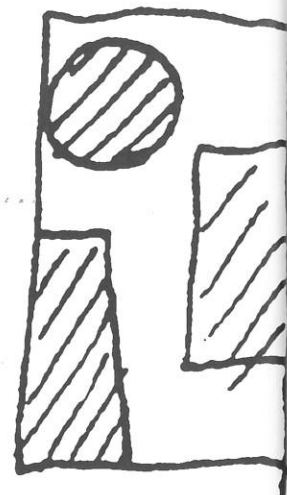
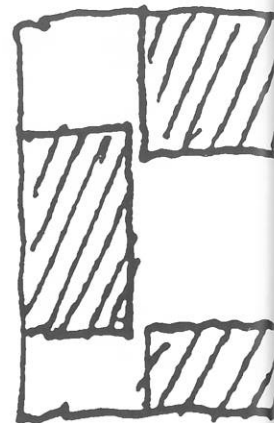
Pois sem compreender o tempo atual, não podemos imaginar o futuro.

Paris est une légende. Et ce sont parfois les bâtiments ou les lieux les plus simples qui nous le disent, lorsqu'ils nous apparaissent soudain sous une autre lumière comme pour la première fois: morceaux de poésie concrète qui nous parlent du temps et sont le chant des hommes.

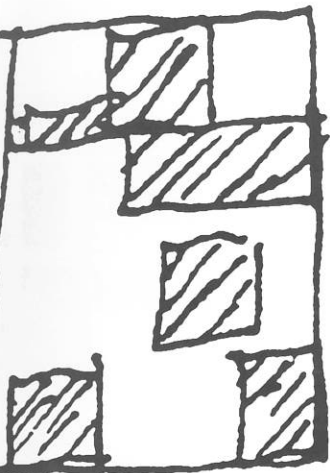
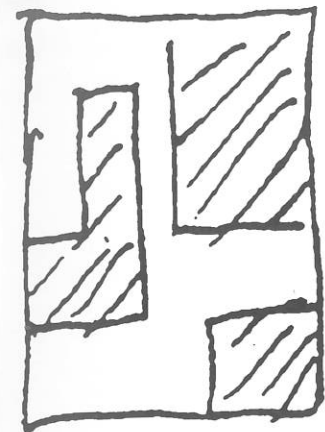
Peut on changer les légendes? Doit-on faire évoluer Paris - ou doit-on le conserver avant tout?

La question ne devrait pas se poser. Tout change... Pourtant elle se pose aujourd'hui, parce que nous sommes encore hébétés sous le choc; l'idée même de ville a vacillé dans le siècle. Nous n'avons pas encore bien compris, cette irruption soudaine et brutale de l'urbanisme moderne, qui a écartelé la ville et restera, comme la guerre qui l'a précédé, la grande affaire du siècle. En vingt ans, Paris comme la plupart des villes d'Europe s'est étendu et transformé comme en vingt siècles. Tout a été très vite et bientôt le calme revenu, un sentiment vague s'est installé qu'une catastrophe avait eu lieu. Après l'enthousiasme constructeur et les grandes utopies est venu l'inquiétude, la prudence, la confusion. Une pénible difficulté à savoir dans quel temps historique nous sommes semble maintenant nous interdire de bouger.

Car sans comprendre dans quel temps nous sommes, nous ne pouvons imaginer le futur.



*l'île*



li'bu

### Em que tempo estamos?

Quando comecei a falar de uma 3ª Era (Âge III), de uma "terceira cidade" para designar nosso tempo, nossa época, foi com o intuito de tentar compreender o momento atual, de resistir ao risco do imobilismo, e também de resistir à tentação oposta de uma saída fácil.

Falar de uma 3ª Era, consiste em afastar a idéia de morte da cidade, anunciada e conjurada regularmente à partir dos anos 60: morte desejada alegremente por aqueles que vêm a cidade como algo definitivamente ultrapassado pelo mundo moderno, sua velocidade e suas redes. Morte desesperante para aqueles apegados ao mito de uma cidade que não deveria evoluir, de uma cidade que constituiria o domínio do intemporal face aos ciclos de evolução rápida da produção técnica e arquitetônica; uma cidade que deveria retornar a um estado pré-industrial.

Fim da cidade, fim da História: não é somente as utopias e as ideologias que acreditamos haver enterrado? E não seria este fim, evidentemente, o começo de uma nova época na qual entramos, que muitos não vêem e que se faz necessário decifrar o enigma, enfrentar os desafios? Continuar escrevendo a lenda?

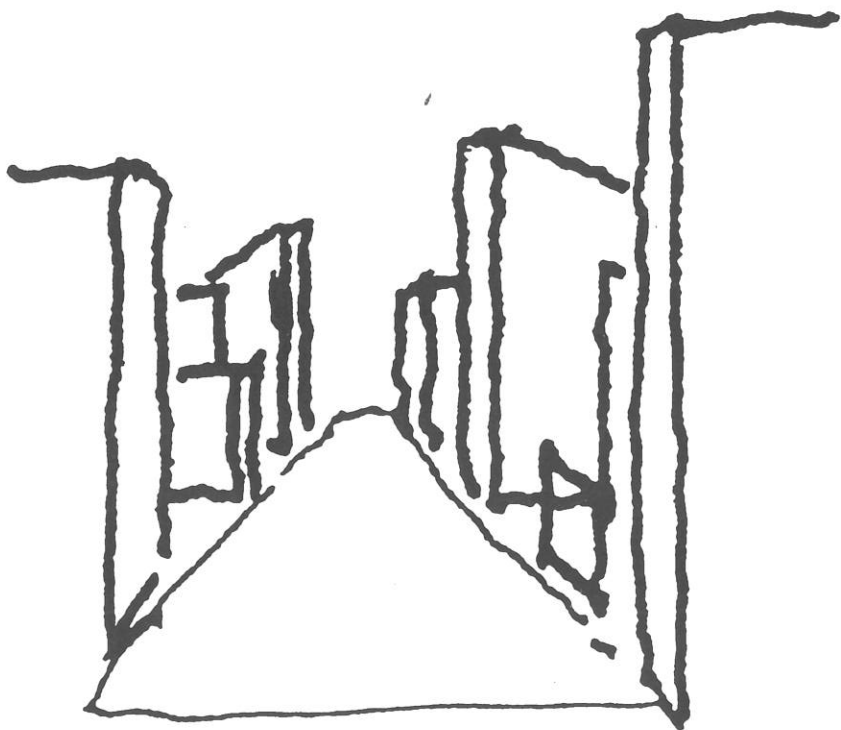
### En quel temps sommes nous?

Lorsque j'ai commencé à parler d'un âge III, d'une "troisième ville" pour désigner ce temps, notre époque, ce fût d'abord pour tenter de comprendre ce moment actuel, pour résister au danger de l'immobilisme mais aussi à la tentation opposée de la fuite en avant.

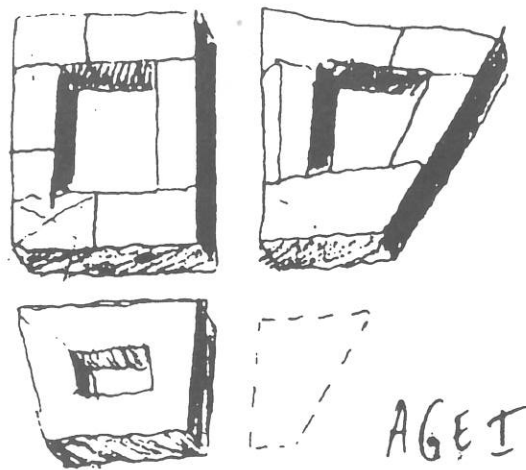
Parler d'Age III, c'est écarter l'idée d'une mort de la ville que l'on entend annoncer ou conjurer régulièrement depuis les années 60: mort souhaitée allègrement par ceux qui voient la ville définitivement dépassée par le monde moderne, sa vitesse et ses réseaux. Mort désespérante pour ceux qui s'attachent au mythe d'une ville qui ne devrait pas évoluer, d'une ville qui constituerait le domaine de l'intemporel face aux cycles d'évolution rapide de la production technique et architecturale; une ville qui devrait faire retour à un état préindustriel.

Fin de la ville: fin de l'histoire aussi, dit-on: n'est-ce pas seulement les utopies et les idéologies que l'on croit avoir enterrées? Et cette fin ne serait elle pas évidemment le commencement d'une nouvelle époque dans laquelle nous sommes entrés, que beaucoup ne voient pas, et dont il nous faut déchiffrer l'énigme, saisir les enjeux?

Continuer d'écrire la légende?



la rue ouverte



*Les vides du système me  
imposent leur forme,  
les îlots s'adaptent.*

### A ruptura

Porque uma terceira cidade e não uma quinta ou uma décima? A história da cidade não é tão antiga, tão rica?

Porque nosso século, pela primeira vez, viu esta história mudar de curso: rompeu-se o fio do tempo.

Porém, a cidade contém o tempo.

Desde sempre, as gerações se sucedem para proteger, expandir, embelezar e transformar incessantemente os lugares habitados, jogando o tempo todo com a audácia e o respeito. Esta grande conversação que atravessa os séculos, ao mesmo tempo fútil e magistral, lamentável ou inspirada, esta incessante corrida de revezamento não foi jamais interrompida: a Cidade é isso. Aqui nós dialogamos com nossos pais e nossos filhos, experimentamos o tempo. Aqui o tempo se materializa.

E, bruscamente esta cadeia contínua foi interrompida. De início, com a idéia de arrasar as cidades para então reconstruí-las mais vastas e mais distantes, em uma natureza infinitamente disponível; as cidades enfim limpas e regulares...

Época messiânica dos "novos tempos", tempo da industrialização e da revolução soviética. Época onde toda modernidade deveria, como ponto de partida, começar suprimindo o passado. E disso tudo resultaria a cidade moderna...

### La rupture

Pourquoi une troisième ville et non une cinquième ou une dixième? L'histoire de la ville est si ancienne, si riche?

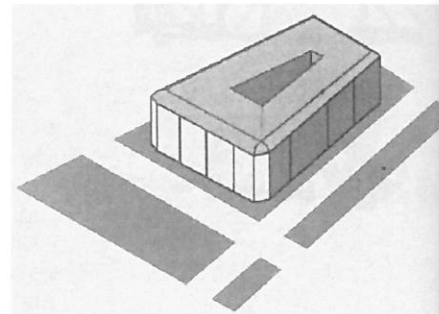
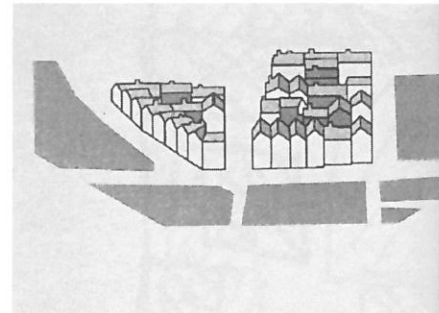
Parce que notre siècle pour la première fois a vu cette histoire changer de cours, le fil du temps s'est rompu.

Or la ville contient le temps.

Depuis toujours, les générations se sont succédées pour protéger, agrandir, embellir et transformer sans cesse les lieux habités, jouant tour à tour d'audace ou de respect. Cette grande conversation qui traverse les siècles, tour à tour futile ou magistrale, malheureuse ou inspirée. Cette incessante course de relais ne s'interrompt jamais: la Ville c'est cela. Nous y dialoguons avec nos pères et nos fils, nous éprouvons le temps. Il y prend corps.

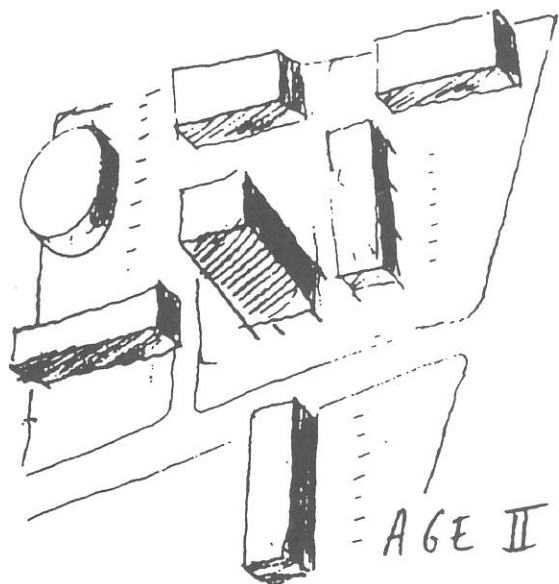
Et brusquement cette chaîne continue s'est rompue. Tout d'abord parce que l'idée apparut de raser les villes pour les rebâtir plus vastes, et plus loin, dans une nature indéfiniment disponible; des villes enfin propres et régulières...

Époque messianique des "temps nouveaux", celui de l'industrialisation et de la révolution soviétique. Époque où toute modernité devait d'abord commencer par supprimer le passé. Tel devait faire la ville moderne...



Croqui mostrando as cidades da 1ª Era

Croquis montrant les villes de l'Age 1



les objets bâtis important  
leur forme puisqu'ils définissent  
des voies

Se este plano não foi realizado em toda sua radicalidade, sabe-se que ele foi útil face a urgência da crise habitacional e da insalubridade de numerosos bairros. E nos anos 60, quando ainda prevíamos com entusiasmo que dois terços de Paris deveriam ser modernizados, ou seja, destruídos, realinhados, reconstruídos, a cidade triplicava sua área, avançando sua dominação sobre o campo.

Curta e ao mesmo tempo entorpecente, esta época provocou tamanha desordem na longa história da cidade que seus ruídos ainda podem ser ouvidos. Houve um antes e um depois. Dois períodos da cidade sucederam-se, um querendo suprimir o outro. No entanto é preciso encarar toda essa desordem como uma ruptura fundadora e não apenas catastrófica: a interrupção das condições que mantinham uma forma levam a aparição de um modo de ser, que aparece pouco a pouco, confusamente.

Uma vez de volta à calma, ainda em gestação, a forma está fragmentada, plural, entrelaçada, mais frequentemente híbrida e, acima de tudo, determinada por heranças de períodos contraditórios.

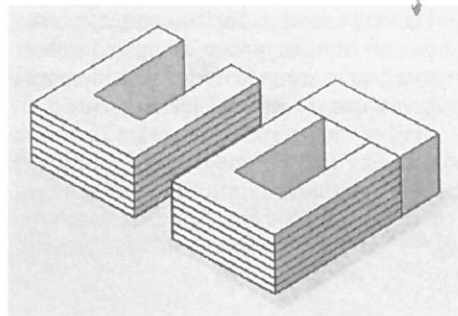
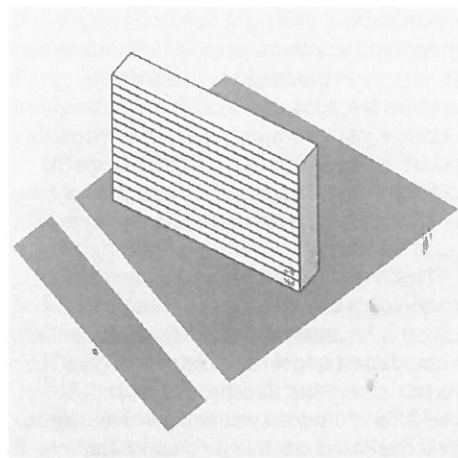
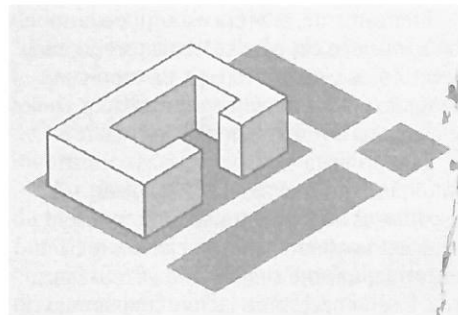
Si ce plan ne fut pas réalisé dans sa radicalité, on sait qu'il fut utile, face à l'urgence de la crise du logement et à l'insalubrité de nombreux quartiers. Et dans les années soixante, on prévoyait encore avec enthousiasme que les deux tiers de Paris devraient être modernisés donc rasés, frappés d'alignement, rebâti, pendant que la ville triplait son emprise sur la campagne.

Courte et stupéfiante, cette époque a bousculé la longue histoire de la ville dans un fracas dont le bruit s'entend encore. Il y a eu un *avant* et il y eu un *après*. Deux âges de la ville se sont succédés, l'un voulant supprimer l'autre. Et il faut le voir comme une rupture fondatrice et non seulement une catastrophe: l'interruption des conditions qui maintenait une forme, entraînant l'apparition d'un autre état qui apparaît peu à peu, confusément.

Une fois le calme revenu, encore en gestation, la forme est fragmentée, plurielle, dilatée, tressée, hybride, le plus souvent, et par dessus tout déterminée par 2 âges contradictoires.

Croqui mostrando as cidades da 2ª e da 3ª Era

Croquis montrant les villes de l'Age 2 et de l'Age 3



### Uma reversão topológica

Da 1ª para a 2ª Era, ocorre um salto extraordinário. É precisamente isso que nos autoriza a falar de duas Eras e não de cinco ou seis.

Efetivamente, a 2ª Era está fundada sobre uma inversão ou, para ser mais preciso, uma reversão da visão de espaço, da topologia segundo a qual foram considerados os cheios e os vazios que formam a cidade da 1ª Era.

Esta primeira cidade, sob suas formas infinitamente diversas, constituídas e espalhadas ao longo dos séculos, apresenta uma extraordinária constância. Um mesmo esquema, único e simples, organizou-a: a rua. E seria necessário incluir também um período anterior, das cidades da mesopotâmia, visto que depois da cidade grega com sua trama, depois de todos os tecidos da urbanização vernacular, até os grandes traçados de Haussmann em Paris, a cidade é vista, compreendida, percorrida, planificada segundo os vazios dos espaços públicos, vazios estes definidos por suas bordas cheias, construídas: as *insulae*, as quadras (*ilots*).

Nesta cidade da 1ª Era, o homem sempre traçou seus caminhos entre duas massas construídas, como se ele abrisse seu caminho numa floresta, recortando clareiras para formar os lugares da vida, as "praças". A coesão da forma da cidade na 1ª Era é dada pela dimensão coletiva e comunitária.

Em função da subversão provocada pela 2ª Era, esta topologia foi invertida, colocada ao avesso como uma luva: não planificamos mais a cidade segundo os vazios dos espaços públicos, mas à partir de objetos cheios

### Une réversion topologique

De l'Age I à l'Age II, il y a un saut étonnant. C'est précisément ce qui nous autorise à parler de deux âges, et non de cinq ou six.

En effet, l'Age II est fondé sur un renversement, ou plutôt une réversion de la vision de l'espace, de la topologie selon laquelle ont été considérés les pleins et les vides qui forment la ville de l'Age I.

Cette première ville, sous ses formes infiniment diverses, à travers la planète et au long des siècles, présente une extraordinaire constance. Un même schème unique et simple l'a toujours ordonnée, celui de la rue. Et il faudrait classer comme un Age 0, antérieur, les villes mésopotamiennes, car depuis la ville Grecque et sa trame, puis tous les lacs des urbanisations vernaculaires, jusqu'aux grands tracés d'Haussmann à Paris, la ville est vue, comprise, parcourue, planifiée selon le vide des espaces publics, vide défini par ses bords pleins, construits: les *insulae*, les *ilots*.

Dans cette ville de l'Age I, l'homme semble toujours tailler sa route entre des masses construites, comme s'il écartait son chemin dans les forêts, où il découperait des clairières pour former des lieux de vie, des "places". La cohésion de la forme de la ville de l'Age I est donnée par la dimension collective et communautaire.

Avec le coup de tonnerre de l'Age II, cette topologie est "réversée", retournée comme un gant: on ne planifie plus la ville selon ce vide des espaces publics, mais à partir d'objets pleins successifs. Il n'y a pas eu à proprement parler de raisonnement sur la topologie de la ville, de réflexion sur la nature de l'espace urbain, il y a eu un rejet de la forme "rue" comme appartenant au passé et

successifs. Não ocorreu, de modo preciso, a formação de um raciocínio sobre a topologia da cidade, de reflexões sobre a natureza do espaço urbano, houve sim uma rejeição da forma "rua" como pertencente ao passado e, com ela, de modo consubstancial, a idéia de espaço entremeio desaparece totalmente. Introduziu-se sobretudo este novo paradigma do objeto arquitetural do movimento moderno e dos planos de ampliação das cidades, de (re)ordenação à partir desse novo material arquitetural que é o objeto. Os imóveis não são mais colados, contíguos, mas sim autônomos, freqüentemente descolados do solo, isotropos, indiferentes ao máximo ao entorno. Eles tendem a ser universais.

O modelo, sabemos, é a máquina, o objeto técnico, a produção industrial. Penetrando na paisagem no século XIX como uma anti-arquitetura, a máquina torna-se no século XX o modelo, a nova referência da metáfora arquitetural. Sabemos que o grande debate foi mantido por muito tempo; a natureza, a antigüidade, quem é o modelo? Estabelecendo esta nova referência extraída do mundo da técnica, os pioneiros da arquitetura moderna reinstalaram uma nova legitimidade da arquitetura face ao mundo da técnica. Que disto decorra um outro urbanismo ignorando os espaços não construídos foi, por conseguinte na seqüência de idéias, da vontade dos homens, apenas uma consequência.

Esta reversão topológica é essencial. É aí que se origina toda a transformação, a oposição entre a primeira e a segunda Era. E, curiosamente, este esquema não se apresentou de modo explícito, concebido como tal: começamos a pensar segundo os objetos, como pensávamos antes segundo o esquema da rua, tão natural que era este esquema da rua na 1ª Era que não foi necessário enunciá-lo, que imaginávamos consubstancial a própria idéia de cidade. Palladio, por exemplo, para editar o que deve ser Vicenza, enuncia que ela será a rua mais bela e que deveria tornar-se "a mais longa, a mais larga, a mais retilínea".

### A 3ª Era, a grande reviravolta

Enquanto a cidade da 1ª Era é contida, compacta, fechada como uma concentração defensiva, uma proteção contra a imensidão, contra o informe, o desconhecido, a cidade da 2ª Era desenvolve o movimento de conquista territorial e "arraçoamento" do planeta, que é o grande destino do ocidente. A lógica é de libertar-se do lugar, das amarras, da matéria e, dentro em pouco, do corpo físico.

No clímax desta epopéia de expansão, à época onde o homem dá seus primeiros passos na Lua, começamos a suspeitar que algo nos escapa sobre a superfície da Terra. A realidade complexa da cidade resiste às razões da técnica. Quando as cidades novas começam a ser construídas no entorno de Paris, os modelos do urbanismo moderno estão próximos de sua caduque, instala-se portanto a confusão.

Conseguimos viajar no espaço mas, em se tratando do que fazer com o planeta, não sabemos sobre qual idéia nos apoiarmos para fazer um pedaço de cidade.

Porém, este momento abre uma nova mudança de época na história da cidade, mais lenta, menos decidida que o salto da 2ª Era, mas também profunda.

Tomamos consciência a partir dos anos 70; eu diria que nós entramos em uma grande reviravolta, os preceitos da 2ª Era resistiram. No lugar de uma cidade diluída, aberta, herdamos concentrações urbanas heterogêneas, as metrópoles; no lugar de um mundo em expansão, descobrimos os limites do nosso planeta. Além disso uma nova correspondência espaço e tempo está em gestação.

A 2ª Era tratava, através de conceitos, de uma crise urgente, a dos grandes números. A 3ª Era entra em uma crise latente, a dos indivíduos.

avec elle, naturellement, consubstantiellement, l'idée de spatialité d'entre deux disparu totalement. Il y a eu surtout ce nouveau paradigme de l'objet architectural du mouvement moderne et des plans d'élargissements de villes, de mise en ordre, à partir de ce nouveau matériau architectural qu'est l'objet. Les immeubles ne sont plus accolés, mitoyens, mais deviennent autonomes, décollés du sol souvent, isotropes, indifférents au site le plus possible. Ils tendent à être universels.

Le modèle, on le sait, est la machine, l'objet technique, la production industrielle. Entrée dans le paysage au XIX<sup>e</sup> siècle comme une anti-architecture, la machine devient au XX<sup>e</sup> siècle le modèle, la nouvelle référence de la métaphore architecturale. On sait que le grand débat avait été longtemps animé; est-ce la nature est-ce l'antiquité qui est le modèle. En lui assignant cette nouvelle référence du monde technique, les pionniers de l'architecture moderne réinstallèrent une nouvelle légitimité de l'architecture face au monde de la technique. Qu'il s'en suive un autre urbanisme ignorant les espaces en creux fut ainsi dans l'ordre de la pensée, du vouloir des hommes, une conséquence.

Cette réversion topologique est essentielle. C'est là que se tient tout le changement, l'opposition entre l'Age I et l'Age II. Et curieusement, ce schème n'a pas été explicite, pensé comme tel: on a commencé à penser selon les objets, comme on pensait avant selon la rue, tant le schème de la rue à l'Age I est si naturel qu'il n'a pas été dit, et qu'on l'imagine consubstantiel à l'idée même de ville. Palladio par exemple pour édicter ce que doit être Vicence, énonce que ce sera la rue la plus belle et qu'elle devrait tendre à être: "*la plus longue, la plus large, la plus droite*".

### Un tournant, l'Age III

Alors que la ville de l'Age I est contenue, serrée, refermée comme une concentration défensive, une protection contre l'immensité, l'informe, l'inconnu, celle de l'Age II déploie le mouvement de conquête territoriale et "d'arraisonnement" de la planète qui est le grand destin de l'occident. La logique est de s'affranchir du lieu, de l'ancrage, de la matière et du corps physique bientôt.

Au plus haut moment de cette épopée de l'expansion, à l'époque où l'homme fait les premiers pas sur la Lune, on commence à deviner que quelque chose nous échappe sur la terre. La réalité complexe de la ville résiste à la pensée technique. Lorsque les villes nouvelles commencent à se construire, autour de Paris, les modèles de l'urbanisme moderne sont déjà à peu près caducs, la confusion s'installe.

On va dans l'espace, mais on ne sait plus que faire avec la planète, sur quelle idée fabriquer un morceau de ville.

Or ce moment ouvre un nouveau changement d'époque dans l'histoire de la ville, plus lent, moins décidé que le saut de l'Age II, mais profond.

Nous en avons conscience depuis 1970; je disais que nous entrions dans un grand tournant les préceptes de l'Age II avaient vécu. Au lieu de la ville diluée, libérée, nous héritons de concentrations urbaines hétérogènes, les métropoles au lieu d'un monde en expansion, nous découvrons les limites de notre planète. Depuis, un rapport nouveau au temps et à l'espace est en gestation. L'Age II traitait une crise urgente, celle du grand nombre, avec des concepts. L'Age III entre dans une crise latente, celle des individus.

### O perigo da regressão

A 3ª Era abre-se para uma grande necessidade de regressão. O que passa a dominar muito rapidamente, após a constatação do fracasso da 2ª Era, é o reflexo de um retorno ao passado, à cidade "pré-industrial" da 1ª Era. Este ponto de vista, marcado pela prudência e, em algumas vezes, pelo fanatismo, torna-se muito facilmente popular. É ele quem dita ainda hoje a concepção dos planos da maior parte dos escritórios de urbanismo das cidades européias.

Nossa época, em matéria de urbanismo, olha para o passado e segue com muita cautela. Porém, nosso mundo, nossos modos, nossas técnicas, nossa economia transformaram-se consideravelmente para que esse retorno desesperado à formas urbanas antigas seja viável e aberto para o futuro, mesmo que fantasiado de arquitetura moderna.

Está claro, porém, que não podemos agir como se a 2ª Era fôra um simples parêntesis, um período aberrante, em relação ao qual poderíamos tomar a direção oposta para reencontrarmos novamente o bom caminho de construir cidades. Ela (a 2ª Era) marcou profundamente o território, os espíritos e, mais ainda, foi a receptora de algumas das grandes aspirações de nosso século. Ela permaneceu viva, porque parte importante de seus princípios orientadores saíram de demandas de conforto, de performances e de necessidades técnicas válidas ainda por longo tempo, e novas possibilidades foram reveladas através dessas técnicas.

### Le danger de régression

L'Age III s'ouvre par un grand besoin de régression. Ce qui domine très vite, après un constat d'échec de L'Age II, c'est le réflexe d'un retour en arrière, à la ville "préindustrielle" de l'Age I. Ce point de vue, marqué par la prudence, et parfois par le fanatisme, devient facilement populaire. Il dicte encore aujourd'hui la conception des plans de la plupart des bureaux d'urbanisme des villes européennes.

Notre époque, en matière d'urbanisme, marche à tâtons en regardant en arrière. Or notre monde, nos mœurs, nos techniques, notre économie ont trop considérablement changé pour que ce retour désespéré à des formes urbaines anciennes soit viable et ouvert sur l'avenir, même habillé d'architecture moderne.

Et nous ne pouvons faire comme si l'Age II avait été une simple parenthèse, une période aberrante dont on pourrait prendre le contre pied pour retrouver le moyen de savoir à nouveau faire des villes. Il a marqué profondément le territoire les esprits aussi, mais plus il recèle certaines des grandes aspirations de notre siècle. Il vit toujours, parce qu'un certain nombre de ses principes sont issus de besoins de confort, de performances et de nécessités techniques valables encore pour longtemps, et des libertés nouvelles ont été acquises avec ces techniques.

### Uma dupla herança

Assim, não somente nós estamos, por toda parte onde construímos, onde vivemos, face a territórios duais, contraditórios, marcados pelas duas Eras precedentes, mas também toda nossa cultura e nossa bagagem teórica estão marcadas por esta dupla herança, sem que uma nova síntese tenha acontecido. Embora a 1ª e 2ª Era tenham permanecido como referências contemporâneas, elas são antagônicas e correspondem, evidentemente, a uma época passada. Após a cidade pré-industrial e a cidade industrial, as quais não podem, de modo algum, constituir um modelo teórico para o momento atual, portanto, continuamos obrigados a inventar as formas da cidade contemporânea, da cidade da era das metrópoles, das grandes acumulações materiais, das redes imateriais, e ainda desta dupla herança contraditória:  
 $3^{\text{a}} \text{ Era} = 1^{\text{a}} \text{ Era} + 2^{\text{a}} \text{ Era} + X$   
( $X = \text{a incógnita atual, os novos dados}$ )

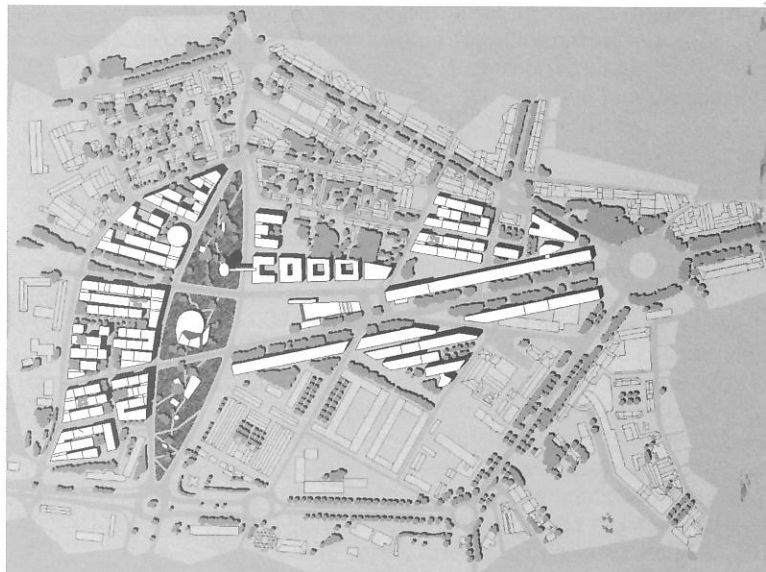
### Un double héritage

Ainsi, non seulement nous sommes presque partout ou nous construisons, où nous vivons, face à des territoires duels, contradictoires, marqués par les deux Ages précédents mais toute notre culture et notre bagage théorique sont marqués par un double héritage, sans qu'une nouvelle synthèse ait eu lieu. Si bien que l'Age II et l'Age I sont restés les références contemporaines, alors que chacun correspond évidemment à une époque dépassée et qu'elles sont antagoniques. Après la ville préindustrielle et la ville industrielle dont il est admis qu'aucune ne peut aujourd'hui constituer notre modèle théorique nous sommes dans l'obligation d'inventer les formes de la ville d'aujourd'hui, celle de l'ère des métropoles, des grandes accumulations matérielles, et des réseaux immatériels, celle de ce double héritage contradictoire.

$Age III = Age I + Age II + x$   
( $x =$  l'inconnue d'aujourd'hui, les nouvelles données)

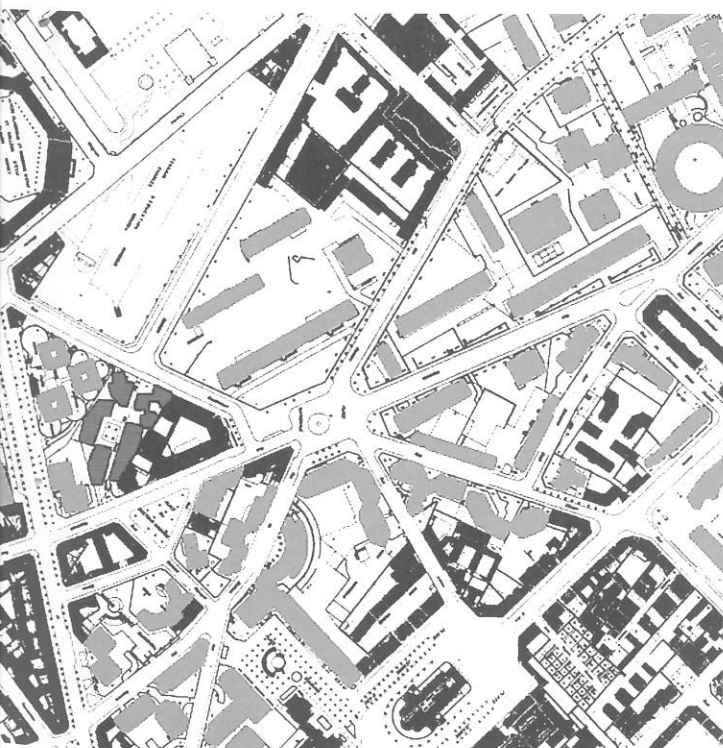
Sextius Mirabeau  
Aix-en-Provence  
Implantação

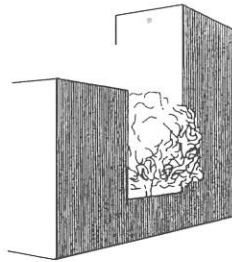
Sextius Mirabeau  
Aix-en-Provence  
Mise en place



Cidade da 3ª Era  
Desenho da 13ª Região de Paris mostrando o tecido composto pelas três Eras da cidade. Em preto, a 1ª Era da Cidade; em cinza claro, a 2ª Era da Cidade; e, em cinza escuro, com linhas pretas, a 3ª Era da Cidade (Hautes Formes)

Ville Age 3  
Dessin du 13ème Arrondissement de Paris montrant le tissu composé par les trois Ages de la ville. En noir, la Ville Age 1; en gris clair, la Ville Age 2; et gris foncé et lignes noires, la Ville Age 3 (Hautes Formes)



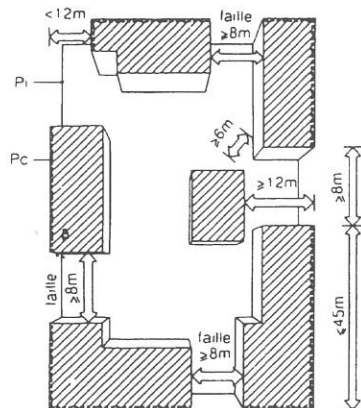
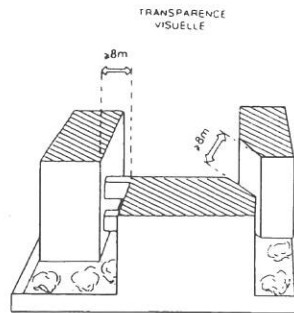
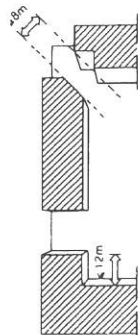
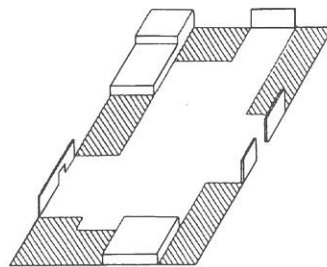
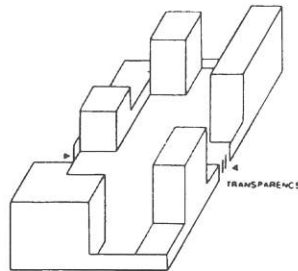
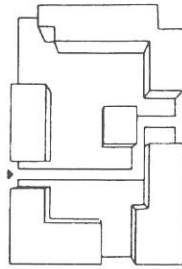


**ZAC Masséna**

Croqui explicativo das regras impostas pelo Plano Urbano que possibilitam a formação das quadras abertas

**ZAC Masséna**

Croquis explicatif des règles imposées par le plan urbain permettant la formation des îlots ouverts



**A cidade tempo**

A 2ª Era não apagou a 1ª como gostaria. Ela transformou-a. A seu tempo ela também será transformada. Chamá-la assim, de 2ª Era, é designar-lhe um lugar no tempo, o período essencial do "big-bang" do crescimento industrial, período que levantou as grandes invenções construtivas dos pioneiros gloriosos que fundaram a arquitetura de hoje (a ossatura metálica, o concreto moldado, os panos de vidro, os componentes industriais), período que foi também absorvido pelos acontecimentos maiores da arquitetura e acabou perdendo o conhecimento, a inteligência do fato urbano na sua relação com o tempo.

À partir de então, esta propriedade maravilhosa, esta riqueza essencial da cidade que é conter o tempo, amplificou-se, assumindo atualmente uma dimensão grandiosa, teatral, enigmática e, até mesmo, inquietante. Mais do que nunca, mais rapidamente que em outros tempos, o território da cidade é o receptáculo do tempo, de suas crises, de suas contradições, em um caleidoscópio vertiginoso onde se cruzam todas as épocas. É uma consciência nova da cidade que caracteriza a 3ª Era reforçando seu próprio significado.

Enquanto que nos museus e bibliotecas nós consumimos o passado, - a história, arquivada, embalsamada - na cidade o passado reitera a cada dia o nosso presente, vivo, natural, "moderno", mesclando épocas passadas às novas criações em uma reciclagem constante. Esta profundidade é para nós a verdadeira beleza da cidade real que descobrimos em todo seu esplendor e miséria, principalmente sua verdade face ao mascaramento pálido e abstrato que foi a cidade da 2ª Era. Aqui a civilização toma corpo.

### Uma lógica transformadora

Reconhecer a cidade como acumulação, agregação, coexistência de épocas diferentes e por vezes contraditórias. O híbrido resultante é quase sempre o mais belo acabamento.

Mais do que nunca somos hoje compelidos a compreender a História, o passado mais recente, o existente, como um material de trabalho constante de avaliação, de apropriação, de transformação. E, mais do que nunca, isso exige projetar o futuro, dar-lhe forma, imagem clara.

Estranho destino de nossa modernidade que deve associar os designios mais novos, mais livres, independentes, ao trabalho impuro, arcaico e consciente de transformar o existente.

Fala-se freqüentemente de uma "recusa da tabula rasa" para definir nossa época; trata-se de uma atitude mais ambiciosa, mais positiva, que ultrapassa generosamente a prudência conservadora: ela é uma visão de cidade. Visão global, que a compreende em sua grandeza civilizatória sem se deixar sufocar pela história. Ela deve, inclusive, saber utilizar-se da tabula rasa lá onde a 2ª Era nos legou territórios desesperantes.

A 2ª Era inventou um mundo novo, um mundo de substituição: nós devemos inventar uma lógica, uma programática, uma poética e ao mesmo tempo uma economia da modificação. A transformação continua deste espaço-tempo, desta cidade atual que nos faz viver o tempo tão intensamente a ponto dele (o tempo), tornar-se matéria, um novo "motivo" deste trabalho.

### La ville - temps

L'Age II n'a pas effacé l'Age I comme il le voulait. Il l'a transformé. A son tour, il sera transformé. L'appeler ainsi Age II, c'est lui assigner une place dans le temps; la période essentielle du "big-bang" de la croissance industrielle, la période qui a mis en oeuvre les grandes inventions constructives des pionniers glorieux qui ont fondé l'architecture d'aujourd'hui (l'ossature métallique, le béton moulé, le pan de verre, les composants industriels) mais période aussi qui a été absorbée par ces événements majeurs de l'architecture et qui a perdu la connaissance, l'intelligence du fait urbain dans son rapport au temps.

Depuis cette propriété merveilleuse, cette richesse essentielle de la ville qui est de contenir le temps s'est amplifiée et elle a pris aujourd'hui une dimension grandiose, théâtrale, énigmatique, inquiétante, parfois. Plus que jamais, plus rapidement qu'autrefois, le territoire de la ville est le réceptacle du temps, de ses crises et de ses contradictions en un kaléidoscope vertigineux où se côtoient toutes les époques. C'est là une conscience neuve de la ville qui caractérise l'Age III, qui en élargit la signification.

Alors que dans les musées et les bibliothèques nous consommons le passé, l'histoire, archivée, embaumée, dans la ville, le passé devient chaque jour à nouveau notre présent, vivant, naturel, "moderne", toutes les époques se mêlant aux créations nouvelles dans un recyclage constant. Cette profondeur est pour nous la vraie beauté de la ville réelle que nous découvrons, avec ses grandeurs et ses misères, surtout sa vérité face au masque du temps fade et abstrait que fut la ville de l'Age II. Ici la civilisation prend corps.

### Une logique de la modification

C'est reconnaître la ville comme accumulation, agrégation, coexistence, d'époques différentes et parfois contradictoires. L'hybride en est souvent le plus bel achèvement.

Plus que jamais alors nous sommes tenus de comprendre l'histoire, le passé le plus récent aussi, l'existant, comme le matériau d'un travail constant d'évaluation, d'appropriation, de transformation. Et plus que jamais cela exige de projeter l'avenir, de le visionner.

Etrange destin de notre modernité qui doit associer les desseins, les plus neufs, les plus libres, les plus absolus, au travail impur, archaïque et savant de transformation de l'existant.

On parle souvent d'un "refus de la tabula rasa" pour définir notre époque; il s'agit d'une attitude plus ambitieuse, plus positive, qui dépasse largement la prudence conservatrice: elle est une vision de la ville. Vision globale, qui la comprend dans sa grandeur civilisatrice, sans se laisser étouffer par l'histoire. Elle doit savoir raser aussi, là où l'Age II nous a laissés des territoires désespérants.

L'Age II avait inventé un monde neuf, un monde de substitution: nous devons inventer une logique, une programmatique, une poétique en même temps qu'une économie de la modification. De la transformation perpétuelle de cette espace-temps, de cette ville d'aujourd'hui qui nous fait vivre le temps si intensément qu'il devient un matériau, un "motif" nouveau de ce travail.

### A cidade-arquipélago

A cidade da 3ª Era é formada de arquipélagos de bairros que se costeiavam, fragmentos de todas as escalas, alguns inteiros e quase homogêneos relativamente à época de sua formação, outros bastante heterogêneos, saídos de uma superposição de diferentes idades, como a 13ª Região (Paris) onde se confrontam a 1ª e a 2ª Era.

Dependendo do lugar, a 3ª Era apresenta uma cidade a decifrar, a inventariar, a reciclar, mas também a inventar, a criar. Trata-se de cruzar lógicas e pensamentos diferentes em função dos bairros específicos.

Podemos compreender este tipo de configuração observando algumas pinturas de François Rouan, onde estruturas formais diferentes cruzam-se em um jogo complexo, derivadas originalmente de uma reflexão sobre as primeiras tramas feitas pelo pintor em 1967. Elementos pictóricos, recortes de desenhos, tramas coloridas se perdem e se reencontram alternadamente, onde o todo é uma grande forma plena de sabor, de riqueza e de novas descobertas a cada instante.

Superposição e estruturas que se cruzam. A cidade da 1ª Era já havia prefigurado esta formação. Eu deveria evidentemente distinguir dois períodos nesta primeira cidade, ambos fundados sobre o esquema do vazio: o período das agregações medievais irregulares, topográficas, e o dos traçados que, à partir do barroco, tenta ordenar o que está disparatado. São os grandes recortes hausmanianos que abriram a legibilidade de Paris, dando a sensação da grande dimensão e da fluidez da circulação, porém nem tudo foi modernizado e foram preservados bairros irregulares com seus traçados medievais. Esta confrontação de bairros contíguos, coerentes por época, torna-se aparente. Ela introduz entre a dimensão global de Paris e aquela de suas quadras, esta dimensão intermediária e muito importante que é a da separação de grupos de quadras. Sem esses contrastes de escala, sem essas hierarquias entre bairros, a cidade não teria sua qualidade específica de conjunto único.

Essas noções de contrastes e de mudanças de escala, ausentes do desenho de urbanismo, foram-nos oferecidas quase que por acaso. Podemos, daqui para frente, pensar a cidade através desta lição, modificando o curso de uma história da planificação que sempre preocupou-se em homogeneizar?

### La Ville-archipel

La ville de l'Age III est formée d'archipels de quartiers se côtoyant, fragments de toutes les échelles, certains tout entier presque homogènes par époques, d'autres très hétérogènes, issu de la superposition de plusieurs âges, comme le XIIIe arrondissement où se contredisent l'Age I et l'Age II.

Selon les lieux, l'Age III est une ville à déchiffrer, à inventorier, à recycler, mais aussi à inventer, à créer. Il s'agit de croiser des logiques, des pensées très différentes selon les quartiers.

On peut comprendre ce type de configuration en regardant certaines peintures de François Rouan où se croisent des structures formelles différentes dans un jeu complexe, issue à l'origine d'une réflexion sur les premiers tressages faits par le peintre en 1967. Des motifs des éléments picturaux, des brides de dessins, des trames colorées se perdent et se retrouvent de loin en loin et le tout est une grande forme pleine de saveur, de richesse, où l'on découvre sans cesse.

Il y a superposition et jeux croisés de structures.

La ville de l'Age I avait déjà préfiguré cette formation. Je devrais évidemment distinguer deux âges dans cette première ville tout deux basés sur ce schème du vide: celui des assemblages médiévaux irréguliers, topographiques, et celui des tracés qui, à partir du baroque, tente d'ordonner ce qui est disparate, les grandes percées haussmanniennes qui ont ouvertes la lisibilité de Paris, donnant la sensation de la grande dimension et de la fluidité de la circulation, mais elles n'ont pu tout moderniser et ont préservé des quartiers irréguliers aux tracés médiévaux. Cette confrontation de quartiers jointifs, cohérents par époque apparaît. Elle introduit, entre la dimension globale de Paris et celle de ses îlots, cette dimension intermédiaire, très importante, du découpage de groupe d'îlots. Et sans ces contrastes d'échelle, sans ces hiérarchies entre quartiers la ville n'aurait pas sa qualité unique d'ensemble.

Ces notions de contrastes et de changement d'échelle absentes du dessein de l'urbanisme nous ont été offertes presque par hasard. Peut-on penser désormais la ville avec cette leçon et changer le cours d'une histoire de la planification qui toujours tend à homogénéiser?

### O fim da harmonia clássica

Tudo parece opor as duas primeiras Eras. No entanto, existe um registro onde elas estão em continuidade.

A 1ª Era é um ideal de harmonia fundado sobre o princípio da imitação. A cidade clássica desenvolve-se à partir de tipos arquitetônicos, de convenções, que devem ser seguidas, reproduzidas, adaptadas, sempre com alguma diferenciação. O ideal de harmonia reside na semelhança entre as coisas. Elas devem rimar. A homogeneidade foi o horizonte de todo ideal de cidade.

A 2ª Era nada alterou em relação a este ponto. Seu método de desenvolvimento parte de modelos do mesmo modo que a 1ª Era. Modelos derivados sobretudo da noção de "standard" e de norma industrial e não de convenção; preferencialmente fundados na idéia de repetição racional e não de imitação: supõe finalmente, como resultado, o mesmo ideal de homogeneidade.

Homogeneizar, "regularizar", foi sempre esta a missão colocada pelo urbanismo e, desde os apertados bairros medievais, vinculados à topografia, toda história das cidades está associada a uma luta entre a aglomeração contínua e espontânea de construções, e o esforço para discipliná-las e ordená-las. É uma história que ainda está ganhando espaço, cada vez mais alinhamentos, gabaritos, dimensionamentos.

É este o sinônimo, o sentido absoluto do progresso? Depois de Haussmann, Cerdà, Berlay, Le Corbusier e Costa também acreditaram.

O poder urbanístico deve impor à vida uma moldura, uma ordem, um redingote geométrico, uma razão, e este esforço está sempre limitado pelos desdobramentos da vida, dos anos; assim, esses limites sempre atuaram como um fator de equilíbrio positivo. Atualmente, esta operação torna-se por vezes desesperadora: apresenta-se seja como um entrave verdadeiramente repressivo da vida, seja como um caos insuperável.

A beleza das cidades antigas vem desta semelhança entre os imóveis, retirados de um modelo comum. Este urbanismo da 1ª Era deu esta cara às cidades, quando as convenções arquiteturais reinavam, com um estilo por século e modos de construção evoluindo pouco.

Hoje tudo isso fragmentou-se. A evolução da arquitetura caminhou para uma multiplicação e uma renovação rápida de "estilos", que não estão mais submetidos a cultura local e a uma mesma e única técnica de construção. Atualmente, a cada concurso realizado, ficamos impressionados com a diversidade de respostas projetadas para um mesmo objeto, enquanto que, um século atrás, as proposições de concursos semelhantes estavam sempre contidas dentro de um mesmo estilo. É uma realidade nova, difícil, que está provavelmente muito bem instalada. Face a esta dispersão, interpor um escudo de gabarito é colocar a planificação contra a evolução.

### La fin de l'harmonie classique

Tout semble opposer les Ages I et II. Pourtant, il y a un registre où ils sont en continuité.

L'Age I, un idéal d'harmonie, basé sur le principe de l'imitation. La ville classique se développe, à partir de types architecturaux, de conventions qui doivent être suivies, reproduites, adaptées, toujours un peu différentes. L'idéal de l'harmonie, c'est que les choses se ressemblent. Qu'elles riment. L'homogénéité a été l'horizon de tout idéal de ville.

L'Age II n'a pas changé sur ce point. Sa méthode de développement part, elle aussi, de modèles. Plutôt venus de la notion de "standard" et de norme industrielle que de convention; plutôt basé sur l'idée de répétition rationnelle que d'imitation: mais supposant finalement le même idéal d'homogénéité comme résultat.

Homogénéiser, "régulariser", disait-on, a en fait toujours été la mission que l'urbanisme s'est donné et, depuis les quartiers médiévaux serrés, attachés à des topographies, toute l'histoire des villes est celle d'une lutte entre les agglomérations incessantes et spontanées des constructions, et l'effort pour discipliner, ordonner celle-ci. C'est une histoire que nous voyons sans cesse toujours élargir, davantage plus aligner, égaliser; agrandir. Est-il le synonyme, le sens absolu du progrès? Après Haussmann, Cerda, Berlay, Le Corbusier, et Costa l'ont cru.

Le pouvoir urbanistique doit imposer à la vie un cadre, un ordre, une redingote géométrique, une raison et cet effort est limité toujours par les débordements de la vie, le nombre des

années, ces limites ont toujours été un facteur d'équilibre heureux; aujourd'hui l'entreprise semble désespérante parfois: apparaît soit une contrainte vraiment répressive de la vie, soit un chaos non maîtrisable.

La beauté des villes anciennes vient de cette ressemblance entre les immeubles, tirée d'un modèle commun. Cet urbanisme de l'Age I a ordonné les villes, quand les conventions architecturales régnaient, avec un style par siècle et de modes de construction évoluant peu.

Aujourd'hui tout cela a éclaté. L'évolution de l'architecture est allé vers une démultiplication et un renouvellement rapide des "styles", qui ne sont plus, totalement assujettis à une culture locale et à une même technique de construction. Aujourd'hui on est frappé par la diversité des réponses projetées sur le même sujet, à chaque concours alors que les propositions il y a un siècle, semblaient à chaque concours, faites dans le même style. C'est une réalité nouvelle, difficile, qui est probablement bien installée. Dresser, face à cet éclatement, un rempart de gabarit paraît placer d'emblée la planification contre l'évolution.

### Pensar a pluralidade

Nossa época está caracterizada pelo crescimento constante da complexidade, a multiplicação dos pólos e dos critérios de decisão, a sofisticação e a diversificação das necessidades e das aspirações. E também pela fragmentação das convenções arquitetônicas. Mais do que nunca, nos queremos e temos necessidade de registros complementares: do monumental e do pitoresco, do tecnológico e do arcaico, da razão e da poesia, da densidade trepidante e da calma de alguns bairros.

Mas temos realmente necessidade de edificações sempre diferentes? Sem dúvida não. E no entanto elas aí estão. Edificações objetos, diferentes, separados. Elas são a cultura arquitetônica de hoje. Retornar à parede-meia das edificações antigas nos bairros novos significa impedir a arquitetura moderna de existir. Sem dúvida, devemos pacificar, criar praias de calma, reencontrar a homogeneidade. Mas em todo lugar onde a extrema diversidade instalou-se e onde novas arquiteturas virão, é preciso se colocar a questão: como um todo poderá nascer de partes tão contraditórias? E mesmo se, isoladamente, propomos regras de homogeneidade, o tempo certamente fez ou fará, por outras vias, sua obra de diversificação.

Portanto, pensar a pluralidade é a grande questão da 3ª Era. A questão da "Grande Cidade" com sua imensa "periferia", qual será seu futuro: caminhar em direção a uma pluralidade dos centros, enriquecer uma pluralidade de bairros, incrementar uma pluralidade arquitetônica.

### Penser la pluralité

Notre époque est caractérisée par la croissance constante de la complexité, la démultiplication des pôles et des critères de décision, la sophistication et la diversification des besoins et des aspirations. Par cet éclatement des conventions architecturales aussi. Plus que jamais nous voulons et nous avons besoin de registres complémentaires: du monumental et du pittoresque, du technologique et de l'archaïque, de la raison et de la poésie, de la densité trépidante et du calme des quartiers différents.

Mais avons nous besoin d'immeubles toujours différents? Sans doute non. Pourtant il sont là. Ces immeubles objets différents, séparés. Ils sont la culture architecturale d'aujourd'hui. Revenir au mitoyen dans des quartiers neufs, c'est empêcher l'architecture moderne d'exister. Bien sûr, nous devons pacifier, créer des plages de calme, retrouver de l'homogénéité. Mais partout où l'extrême diversité s'est installée, partout où des architectures neuves vont venir, il faut se poser cette question: comment un tout pourra naître de parties si contradictoires? Et même si, localement, nous proposons des règles d'homogénéité, ailleurs, le temps a fait ou fera son oeuvre de diversification.

On le voit, penser la pluralité est la grande question de cet Age III. La question de la "Grande ville" avec son immense "périphérie" qui est son avenir: aller vers une pluralité de centres, enrichir une pluralité de quartiers, mettre en musique une pluralité d'architecture.

On ne l'enfermera pas dans une seule logique, une seule pensée et des seuls gabarits. A l'image de nos territoires de

Não será possível confiná-la em uma só lógica, um só pensamento e gabaritos únicos. A imagem de nossos territórios de cidades-arquipélagos estão os cruzamentos de idéias, de análises, vindas de diferentes registros, que poderão transformar a matéria caótica viva, diversa. Em alguns casos terminar a cidade tal qual ela começou, em outros, inventar uma estratégia para torná-la visível e, por fim, enriquecê-la.

Precisamos portanto inventar novas relações, uma poética de contrastes, novas regras de unidade, mais flexíveis, que não maltratem a criação, e que articulem harmoniosamente as diferenças.

No imaginário desta cidade de contrastes, o relacionamento entre o guarda-chuva e a máquina de costura a que se referia Lautréamont tornou-se banal. As vezes aparece como um magnífico efeito do acaso, com frequência é uma simples cacofonia entediante. Seria necessário pouco a pouco dar-lhe serenidade, o gosto das naturezas-mortas mortas. "Still life", vidas tranquilas, onde coisas diferentes alocadas com naturalidade, sem intervenção, dialogam indefinidamente.

É necessário pensar a pluralidade dos bairros, antes de implantar uma nova construção ou transformação: decidir, em todas as situações da cidade, a especificidade de seus bairros, confirmá-la, compreender o registro de unidade que dominará: inútil, descabido, construir o hotel Mercure, rue de la Gaité, que deveria ser continuado e acabado como uma forma dada, com janelas simples. Igualmente descabido desenhar, para os novos bairros, quadras fechadas e edificações contíguas. Neste caso a forma urbana existe a priori, dominante. Ela é a unidade significativa que precisamos escolher. No outro caso, as construções contemporâneas estão por vir. É preciso contar com elas como unidades significantes.

### Pensar a dupla herança: a quadra aberta

Se a cultura arquitetônica moderna é esta dos objetos, qual pode ser a cidade desses edifícios isolados? Como eles são separados? Existe uma qualidade do espaço intermédio? É possível reencontrar a universalidade da forma-rua nesta época de objetos isolados, ou será necessário, sobre este particular, alinhar-se com a 2ª Era que elimina a rua corredor?

Todas estas questões necessitam de mudanças na regra do jogo para certos bairros, de repensar a quadra.

A quadra definiu a repartição do cheio e do vazio, a relação entre o edifício e a cidade. É preciso redefinir essas relações. E é esta indagação que me conduziu ao esquema de quadra aberta, o qual sintetiza, em uma única forma, esta dupla herança da 1ª e 2ª Eras. A quadra aberta permite reinventar a rua: legível e ao mesmo tempo realçada por aberturas visuais e pela luz do sol. Os objetos continuam sempre autônomos, mas ligados entre eles por regras que impõem vazios e alinhamentos parciais. Formas individuais e formas coletivas coexistem. Uma arquitetura moderna, isto é, uma arquitetura relativamente livre de convenção, de volumetria, de modénatura, pode desabrochar sem ser contida por um exercício de fachada imposto entre duas paredes contíguas.

As fachadas externas deslocam-se com alternância, constituindo uma atmosfera densa e íntima. Os espaços vazios, os intermédios, dão lugar a terraços privativos que permitem passar a luz e o olhar.

### Penser le double héritage: l'îlot ouvert

Si la culture architecturale moderne est celle des objets, quelle peut-être la ville de ces bâtiments disjoints? Comment sont-ils séparés? Y a-t-il une qualité de l'entre-deux? Peut-on retrouver l'universalité de la forme-rue à l'époque des objets ou faut-il garder sur ce point la ligne de l'Age II qui bannit la rue-corridor?

Toutes ces questions nécessitent de changer les règles du jeu pour certains quartiers, de repenser l'îlot.

L'îlot définit la répartition du plein et du vide, le rapport entre l'immeuble et la ville. Il faut redéfinir ces rapports. C'est cette recherche qui m'a conduit au schéma de l'îlot-ouvert qui synthétise en une forme ce double héritage des Ages I et II. L'îlot ouvert permet de réinventer la rue; lisible mais scandée d'échappées visuelles et de soleil. Les objets sont toujours autonomes, mais liés entre eux par des règles qui imposent des alignements partiels, des vides. Formes individuelles et formes collectives coexistent. Une architecture moderne, c'est à dire une architecture relativement libre de convention, de volumétrie, de matière, de modénature, peut s'épanouir sans être tenue à un exercice de façade imposée entre deux mitoyens. Les prospects alternent, se décalent dans une atmosphère pourtant dense et intime. Les espaces en creux, ces entre-deux, donnent lieux à des jardins ou des terrasses privatives qui laissent passer vues et lumière.

villes archipels, ce sont des croisements de pensées, d'analyses, venus de registres différents, qui pourront transformer la matière chaotique vivante, diverse. Finir la ville telle qu'elle est commencée ici, inventer une stratégie pour la rendre lisible là, l'enrichir là-bas.

Il nous faut donc inventer de nouveaux rapports, une poétique des contrastes, d'autres règles d'unité, plus souples qui ne briment pas la création, qui fasse jouer ensemble les différences.

Dans l'imaginaire de cette ville des contrastes, le rapprochement du parapluie et de la machine à coudre cher à Lourtréamont est devenu banal.

Parfois, il apparaît comme un magnifique effet du hasard, souvent il est une simple cacophonie ennuyeuse. Il faudrait peu à peu lui donner la sérénité, la saveur des natures mortes. "Still life". Vies tranquilles où des choses si différentes posées avec naturel, sans intervention, dialoguent indéfiniment.

Il faut penser la pluralité des quartiers, avant que du bâti: c'est décider partout dans la ville la spécificité de ces quartiers, la confirmer, saisir le registre d'unité qui dominera: inutile, maladroit, de construire l'Hôtel Mercure rue de la Gaité qui devrait être poursuivie et achevée comme forme donnée, avec des fenêtres simples. Mais maladroit aussi de dessiner pour de nouveaux quartiers des îlots fermés et des immeubles mitoyens. Dans un cas la forme urbaine est déjà donnée, dominante. Elle est l'unité signifiante qu'il faut choisir. Dans l'autre des constructions contemporaines sont à venir. Il faut compter avec elles comme unités signifiantes.

### As novas dimensões

De qual Paris estamos falando? Da grande cidade, da metrópole? Ela recobre atualmente, no conjunto de suas comunas, um território impressionante, que no seu todo é a identidade de Paris, sua realidade.

O mundo novo que apareceu com esta realidade, o da exclusão e do mal dos subúrbios/periferias, é também aquele da cidade-arquipélago, da cidade segmentada, dos segmentos distanciados do centro em função do grau de pobreza. Até onde a cidade pode crescer, ou deve crescer? Falso problema, diríamos, nesta época de comunicações e de redes onde o espaço é mensurado em tempo de deslocamento. Mas colocar entre parêntesis o mundo material, a acumulação de objetos, de detritos, de mercadorias, os milhões de habitantes fixados ao domicílio, significaria também esquecer o corpo que vive em meio a tudo isso.

Colocar esses novos territórios à medida de nossos corpos, ao alcance de nossos passos, de nossa vista, de nossa voz, me parece essencial para acalmar e retomar esta cidade impossível.

Nas pequenas dimensões trata-se de reinventar uma espacialidade, um sentido de espaço não construído que perdemos. Ritmar a densidade, condensar e criar intimidades em locais específicos para abrir mais à frente zonas não construídas.

### Les nouvelles dimensions

De quel Paris parlons-nous? de la grande ville, de la métropole. Elle couvre maintenant avec toutes ses communes, un territoire impressionnant, qui tout entier, est l'identité de Paris, sa réalité.

Le monde nouveau qui est apparu avec cette réalité, celui de l'exclusion et du mal des banlieues, est aussi celui de cette ville archipels, de cette ville segmentée, de ces segments éloignés du centre selon leur pauvreté. Jusqu'où la ville peut croître, doit croître? Faux problèmes dira-t-on à l'heure des communications et des réseaux où l'espace se mesure en temps de déplacement. Mais c'est mettre entre parenthèse le monde matériel, les accumulations d'objets, de déchets, de marchandise, les millions d'habitants assignés à résidence, c'est oublier le corps qui doit vivre avec tout cela.

Mettre ces nouveaux territoires à la mesure de nos corps, à la portée de nos pas, de nos vues, de notre voix, me semble essentiel pour pacifier et entreprendre de nous approprier cette ville impossible.

Dans les petites dimensions c'est réinventer une spatialité, un sens de l'espace en creux perdu. C'est rythmer la densité, resserrer et créer une intimité ici pour ouvrir plus loin des zones non construites.

Dans le mouvement, dans le déplacement, c'est imaginer les grandes voies rapides, comme des merveilleux "travelling" cinématographiques. Consacrer autant d'efforts pour réaliser ces paysages réels et quotidiens qu'en consacrent les producteurs de cinéma

No movimento, no deslocamento, imaginar grandes vias expressas, como maravilhosos travelling cinematográficos. Consagrar o mesmo tanto de esforços para realizar paisagens reais e cotidianas, como fazem os produtores de cinema para alguns minutos de paisagem de ilusão, estaria além de toda razão econômica?. O espetáculo, é verdade, é mais caro que o real. Reverter este estado de coisas deveria ser a prioridade vital.

Enfim, na grande dimensão, tornar sensível, apropriável ao nosso alcance, os segmentos distantes e ao mesmo tempo correlatos desta cidade expandida que é hoje um imenso labirinto: encontrar pólos, centros, limites, linhas óticas, geologias artificiais. Como Sixto V em Roma, com outros meios, soube transformar o caos, transfigurá-lo. A noção dos grandes números (associada aos grandes conjuntos), "le plus grand nombre", aparece nos anos 60, esta massa que acreditávamos mais legítima que o indivíduo, encontra agora na cidade sua forma física: é aí que podemos percebê-la, senti-la. Subir nas colinas de Los Angeles ou na Tour Eiffel é mais palpável que ler um anuário. A grande cidade é portanto o lugar onde podemos provar a grande dimensão, para dar como apoio a esta "insustentável leveza" de indivíduo perdido na massa de um território imaginário, que é seu habitat, seu país, o alter ego de sua identidade.

Maquetes de estudo da  
composição de quadras  
aberta  
Foto Nicolas Borel

Maquettes d'étude de  
la composition d'îlots  
ouvert  
Photo Nicolas Borel

pour quelques minutes de paysage  
d'illusion d'une superproduction est au  
delà de toute raison économique? Le  
spectacle vaut plus cher que le réel, c'est  
vrai. Renverser cet état des choses  
devrait être la priorité vitale.

Enfin c'est dans la grande dimension  
rendre sensible, appropriable à portée de  
nous, les lointains mutuels de cette ville  
élargie qui est aujourd'hui un immense  
labyrinthe: trouver des pôles, des  
centres, des limites, des lignes optiques,  
des géologies artificielles. Comme Six  
Quint à Rome, avec d'autres moyens à  
transformer le chaos, le transfigurer. Le  
grand nombre, "le plus grand nombre"  
apparu dans les années soixante, cette  
masse que l'on a cru plus légitime que  
l'individu, trouve avec la ville sa forme  
physique: c'est là que l'on peut la saisir,  
la sentir. Monter sur les collines de Los  
Angeles ou sur la Tour Eiffel est plus  
physique que lire l'annuaire. La grande  
ville est donc le lieu où l'on doit pouvoir  
éprouver la grande dimension, pour  
donner comme appui à cette  
"insoutenable légèreté" de l'individu  
perdu dans la masse un territoire  
imaginaire, qui est son habitat, son pays,  
l'*alter ego* de son identité.

